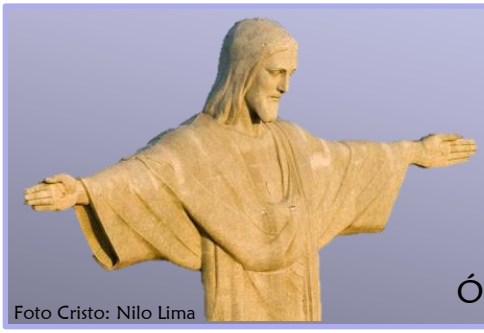


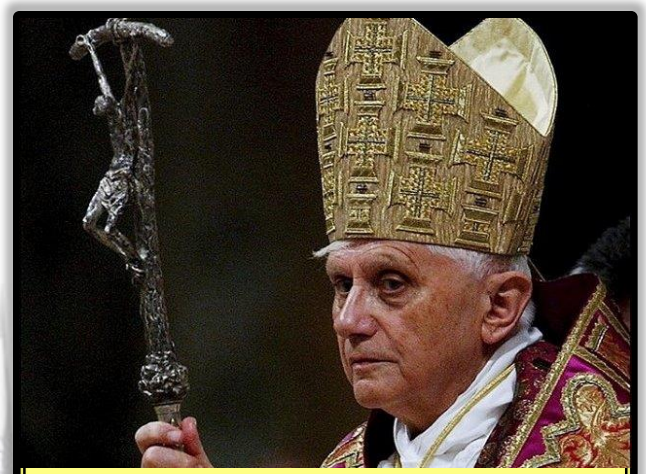
Foto Cristo: Nilo Lima

DIACÔNIO

Órgão Informativo da CRD-Leste 1 – 32ª Edição: Junho 2016

Veja nesta edição

Em missa na praça São Pedro, Papa Francisco exortou aos diáconos a encontrar e acariciar a carne do Senhor nos pobres de hoje - ***Pag. 2, 3 e 4***



Formação
Audiências do - Papa Bento XVI
Virgem Maria. Ícone da fé obediente
Pag. 5 a 8

Arquidiocese do Rio de Janeiro
Diáconos e Esposas participam de Retiro Canônico
Pag. 9 e 10

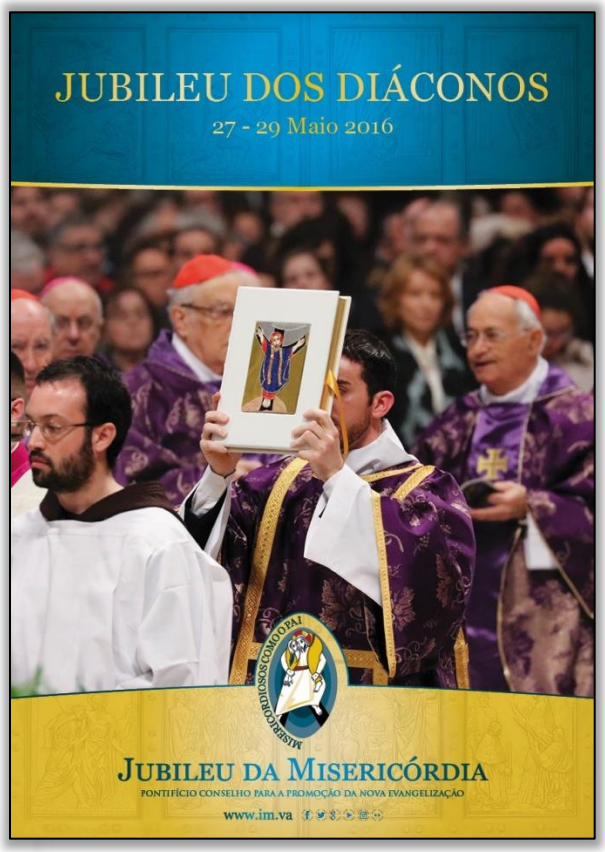
Arquidiocese do Rio de Janeiro
- Terço dos Homens -
Pag. 13

Arquidiocese do Rio de Janeiro - Uma vida dedicada a Deus e à família
Pag. 11, 12 e 13

Diocese de Petrópolis - 2º Encontro de Formação Permanente – *Pag. 14*

Encerrado com muitas propostas o XIV ENDFED (Encontro Nacional de Diretores e Formadores de Escolas Diaconais) – *Pag. 16*

Jubileu dos Diáconos – Homilia Papa Francisco



Praça São Pedro
Domingo, 29 de Maio de 2016

«Servo de Cristo» (*Gal* 1, 10). Ouvimos esta expressão, que o apóstolo Paulo usa para se definir a si mesmo, quando escreve aos Gálatas. No início da carta, tinha-se apresentado como «apóstolo», por vontade do Senhor Jesus (cf. *Gal* 1, 1). Os dois termos, apóstolo e servo, andam juntos, e não podem jamais ser separados; são como que as duas faces duma mesma medalha: quem anuncia Jesus é chamado a servir, e quem serve anuncia Jesus. O primeiro que nos mostrou isto mesmo foi o Senhor: Ele, a Palavra do Pai, Ele que nos trouxe a boa-nova (cf. *Is* 61, 1), Ele que em Si mesmo é a boa-nova (cf. *Lc* 4, 18), fez-Se nosso servo (*Flp* 2, 7) «não veio para ser servido, mas para servir» (*Mc* 10, 45). «Fez-Se diácono de todos», como escreveu um Padre da Igreja (São Policarpo, *Ad Philippenses* V, 2).

E como Ele fez, assim são chamados a fazer os seus anunciadores, «cheios de misericórdia, de zelo, caminhando segundo a caridade do Senhor que Se fez servo de todos» (*ibid.*). O discípulo de Jesus não pode seguir um caminho diferente do do Mestre, mas, se quer levar o seu anúncio, deve imitá-Lo, como fez Paulo: *almejar tornar-se servo*. Por outras palavras, se *evangelizar* é a missão dada a cada cristão no Batismo, *servir* é o estilo segundo o qual viver a missão, o único modo de ser discípulo de Jesus. É sua testemunha quem faz como Ele: quem serve os irmãos e as irmãs, sem se cansar de Cristo humilde, sem se cansar da vida cristã que é *vida de serviço*.

•Mas por onde começar para nos tornarmos «servos bons e fiéis» (cf. *Mt* 25, 21)? Como primeiro passo, somos convidados a viver na *disponibilidade*. Diariamente, o servo aprende a desprender-se da tendência a dispor de tudo para si e de dispor de si mesmo como quer. Treina-se, cada manhã, a dar a vida, pensando que o dia não será dele, mas deverá ser vivido como um dom de si. De facto, quem serve não é um guardião cioso do seu tempo, antes renuncia a ser senhor do seu próprio dia. Sabe que o tempo que vive não lhe pertence, mas é um dom que recebe de Deus a fim de, por sua vez, o oferecer: só assim produzirá verdadeiramente fruto. Quem serve não é escravo de quanto estabelece a agenda, mas, dócil de coração, está disponível para o não-programado: pronto para o irmão e aberto ao imprevisto, que nunca falta sendo muitas vezes a surpresa diária de Deus. O servo está aberto à surpresa, às surpresas diárias de Deus. O servo sabe abrir as portas do seu tempo,

e dos seus espaços a quem vive ao seu redor e também a quem bate à porta fora do horário à custa de interromper algo que lhe agrada ou o merecido repouso. O servo não se cinge aos horários. Deixa-me o coração triste ver um horário nas paróquias: «Da hora tal até tal hora». E depois? Porta fechada; não há padre, nem diácono, nem leigo que receba as pessoas… Isto faz doer o coração. Deixai cair os horários! Tende a coragem de pôr de lado os horários. Assim, queridos diáconos, vivendo na disponibilidade, o vosso serviço será livre de qualquer interesse próprio e evangelicamente fecundo.

•Também o Evangelho de hoje nos fala de serviço, mostrando-nos dois servos, de quem podemos tirar lições valiosas: o servo do centurião, que é curado por Jesus, e o próprio centurião, ao serviço do Imperador. As palavras que manda dizer a Jesus – para não vir a sua casa –, para além de surpreendentes, são muitas vezes o oposto das nossas orações: «Não Te incomodes, Senhor, pois não sou digno de que entres debaixo do meu teto» (*Lc* 7, 6); «nem me julguei digno de ir ter contigo» (v. 7); «também eu tenho os meus superiores a quem devo obediência» (v. 8). Jesus fica admirado com tais palavras. Impressiona-Lhe a grande humildade do centurião, a sua *mansidão*. E a mansidão é uma das virtudes dos diáconos. Quando o diácono é manso, é servo; não joga a simular o padre, é manso. O centurião, confrontado com o problema que o afligia, teria podido fazer alvoroço pretendendo

ser ouvido, fazendo valer a sua autoridade; teria podido convencer com insistência e até forçar Jesus a deslocar-se a casa dele. Em vez disso, faz-se pequeno, discreto, manso, não levanta a voz nem quer incomodar. Comporta-se – talvez sem o saber – segundo o estilo de Deus, que é «manso e humilde de coração» (*Mt* 11, 29). Com efeito Deus, que é amor, leva o seu amor até ao ponto de nos servir: conosco é paciente, benévolo, sempre disponível e bem disposto, sofre com os nossos erros e procura o caminho para nos ajudar a tornar-nos melhores. Manso e humilde são também os traços do serviço cristão, que é *imitar Deus servindo os outros*: acolhendo-os com amor paciente, sem nos cansarmos de os compreender, fazendo com que se sintam bem-vindos a casa, à comunidade eclesial, onde o maior não é quem manda, mas quem serve (cf. *Lc* 22, 26). E nunca ralheis, nunca. Assim na mansidão, queridos diáconos, amadurecerá a vossa vocação de ministros da caridade.

•Nas leituras de hoje, depois do apóstolo Paulo e do centurião, há um terceiro servo: aquele que é curado por Jesus. Na narração, diz-se que era muito querido do seu patrão e que estava doente, mas não se sabe a doença grave que tinha (v. 2). De algum modo podemos também nós reconhecer-nos naquele servo. Cada um de nós é muito querido de Deus, amado e escolhido por Ele; somos chamados a servir, mas primeiro precisamos de ser curados interiormente. Para estar apto ao serviço, precisamos da saúde do coração: um coração curado por Deus, que se sinta perdoado e não seja fechado nem duro. Ser-nos-á útil rezar confiadamente todos os dias por isto, pedindo para sermos curados por Jesus, assemelhar-nos a Ele, que «já não nos chama servos, mas amigos» (cf. *Jo* 15, 15). Queridos diáconos, podeis pedir diariamente esta graça na oração, numa oração em que apresenteis as fadigas, os imprevistos, os cansaços e as esperanças: uma oração verdadeira, que leve a vida ao Senhor e traga o Senhor à vida. E, quando servirdes à Mesa Eucarística, lá encontrareis a presença de Jesus, que Se dá a vós para que vos doeis aos outros.

•**Assim, disponíveis na vida, mansos de coração e em diálogo constante com Jesus, não tereis medo de ser *servos de Cristo*, de encontrar e acariciar a carne do Senhor nos pobres de hoje.**

•*Fonte:http://m.vatican.va/content/francescomobile/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160529_omelia-giubileo-diaconi.html*

Expediente Diacônio

Órgão Informativo da CRD-Leste I - (32ª Edição – Junho 2016)

Dom Luiz Henrique da Silva Brito – Bispo auxiliar do Rio de Janeiro / Acompanhante dos Diác. Leste 1
Presidente: Diac Aristides Zandonai - a_zandonai@yahoo.com.br
Vice Presidente: Diac. Adahil Rodrigues de Moraes - adahilss@hotmail.com
Secretário: Diac. Jorgemar Lemis - lemosjorgemar@yahoo.com.br
Tesoureiro: Diac. Jorge Francisco Jorge - jorgefjorge@bol.com.br
Relações Públicas: Diac. Marco Carvalho - m.marco.carvalho@gmail.com
Criação/Montagem do informativo: Diac. Marco Carvalho

Audiências Papa Bento XVI

•19-Dez - Virgem Maria. Ícone da fé obediente

•Queridos irmãos e irmãs!

•No caminho do Advento, a Virgem Maria ocupa um lugar especial, como Aquela que de maneira singular esperou a realização das promessas de Deus, acolhendo na fé e na carne Jesus, o Filho de Deus, em plena obediência à vontade divina. Hoje, gostaria de meditar brevemente convosco a propósito da fé de Maria, a partir do grande mistério da Anunciação.

•«*Chaîre kecharitomene, ho Kyrios meta sou*», «Ave, cheia de graça, o Senhor está contigo!» (*Lc* 1, 28). São estas as palavras — citadas pelo evangelista Lucas — com as quais o arcanjo Gabriel se dirige a Maria. À primeira vista, o termo *chaîre*, "ave", parece uma saudação normal, usual no âmbito grego, mas estas palavras, se forem lidas no contexto da tradição bíblica, adquirem um significado muito mais profundo. Este mesmo termo aparece quatro vezes na versão grega do Antigo Testamento e sempre como anúncio de alegria pela vinda do Messias (cf. *Sf* 3, 14; *Gl* 2, 21; *Zc* 9, 9; *Lm* 4, 21). Portanto, a saudação do anjo a Maria constitui um convite à alegria, a um júbilo profundo, anuncia o fim da tristeza que existe no mundo, diante do limite da vida, do sofrimento, da morte, da maldade e da obscuridade do mal que parece ofuscar a luz da bondade divina. Trata-se de uma saudação que marca o início do Evangelho, da Boa Nova.

Mas por que Maria é convidada a alegrar-se deste modo? A resposta encontra-se na segunda parte da saudação: "o Senhor está contigo". Também aqui, para compreender bem o sentido desta expressão, devemos consultar o Antigo Testamento. No *Livro de Sofonias* encontramos esta expressão: «Alegra-te, filha de Sião... O rei de Israel, que é o Senhor, está no meio de ti... O Senhor teu Deus está no meio de ti como Salvador poderoso» (3, 14-17). Nestas palavras existe uma promessa dupla feita a Israel, à filha de Sião: Deus virá como Salvador e fará a sua morada precisamente no meio do seu povo, no ventre da filha de Sião. No diálogo

entre o anjo e Maria realiza-se exatamente esta promessa: Maria é identificada com o povo desposado por Deus, é verdadeiramente a Filha de Sião em pessoa; é nela que se cumpre a expectativa da vinda definitiva de Deus, é nela que o Deus vivo faz a sua morada.

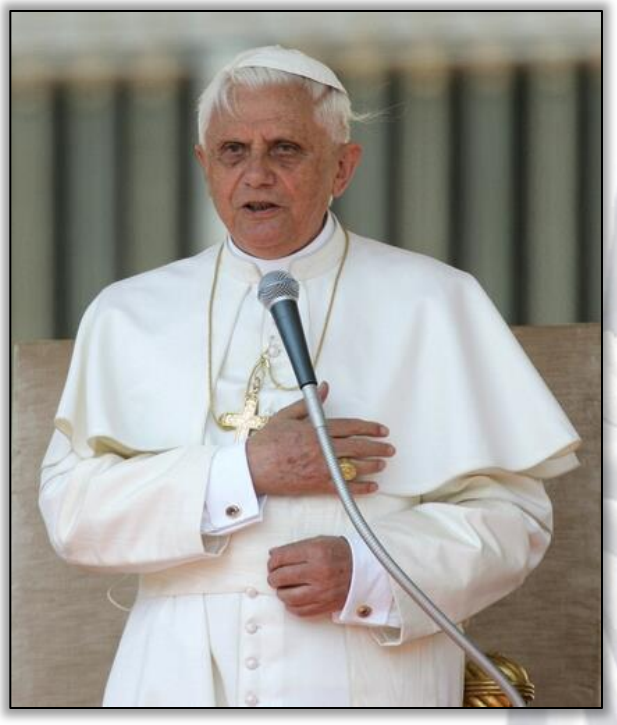
Philippe de Champaigne, L'Annunciazione, Metropolitan Museum, New York

•Na saudação do anjo, Maria é chamada «cheia de graça»; em grego o termo «graça», *charis*, tem a mesma raiz linguística da palavra «alegria». Também nesta expressão é ulteriormente esclarecida a nascente do alegrar-se de Maria: o júbilo provém da graça, ou seja, deriva da comunhão com Deus, do facto de manter um vínculo tão vital com Ele, a ponto de ser morada do Espírito Santo, totalmente plasmada pela obra de Deus. Maria é a criatura que de modo singular abriu totalmente a porta ao seu Criador, colocando-se nas suas mãos sem quaisquer limites. Ela vive inteiramente *da* e *na* relação com o Senhor; põe-se em atitude de escuta, atenta a captar os sinais de Deus no caminho do seu povo; está inserida numa história de fé e de esperança nas promessas de Deus, que constitui o tecido da sua existência. E submete-se de maneira livre à palavra recebida, à vontade divina na obediência da fé.

•O evangelista Lucas narra a vicissitude de Maria através de um paralelismo requintado com a vicissitude de Abraão. Do mesmo modo como o grande Patriarca é o pai dos crentes, que respondeu à chamada de Deus para sair da terra em que vivia, das suas seguranças, para começar a percorrer o caminho rumo a uma terra desconhecida e possuída só na promessa divina, assim Maria entrega-se com plena confiança à palavra que lhe anuncia o mensageiro de Deus, tornando-se modelo e mãe de todos os crentes.

•Gostaria de sublinhar mais um aspecto importante: a abertura da alma a Deus e à sua obra na fé inclui também o elemento da obscuridade. A relação do ser humano com Deus não cancela a distância entre Criador e criatura, não elimina aquilo que o apóstolo Paulo afirma perante as profundezas da sabedoria de Deus: «Quão impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos!» (*Rm* 11, 33). Mas precisamente aquele que — como Maria — está aberto de modo total a Deus, consegue aceitar a vontade divina, ainda que seja misteriosa, embora muitas vezes não corresponda à propria vontade e seja uma espada que trespassa a alma, como profeticamente o velho Simeão dirá a Maria no momento em que Jesus é apresentado no Templo (cf. *Lc* 2, 35). O caminho de fé de Abraão abrange o momento de alegria pelo dom do filho Isaac, mas inclusive o momento da obscuridade, quando deve subir ao monte Moriá para cumprir um gesto paradoxal: Deus pede-lhe que sacrifique o filho que lhe tinha acabado de doar. No monte, o anjo ordena-lhe: «Não estendas a tua mão sobre o menino, e não lhe faças nada; agora sei que temes a Deus, e não me negaste o teu filho, o teu único filho» (*Gn* 22, 12); a confiança plena de Abraão no Deus fiel às promessas não esmorece nem sequer quando a sua palavra é misteriosa e difícil, quase impossível, de aceitar. É assim que acontece para Maria, pois a sua fé vive a alegria da Anunciação,

mas passa inclusive através da obscuridade da crucifixão do seu Filho, para poder chegar até à luz da Ressurreição.



•Não é diferente inclusive para o caminho de fé de cada um de nós: encontramos momentos de luz, mas vivemos também outros nos quais Deus parece ausente; o seu silêncio pesa no nosso coração e a sua vontade não corresponde à nossa, àquilo que nós gostaríamos. Mas quanto mais nos abrirmos a Deus, acolhermos o dom da fé, depositarmos totalmente nele a nossa confiança — como Abraão e como Maria — tanto mais Ele nos torna capazes, mediante a sua presença de viver cada situação da vida na paz e na certeza da sua fidelidade e do seu amor. No entanto, isto significa sair de nós mesmos e dos nossos projetos, a fim de que a Palavra de Deus seja a lâmpada orientadora dos nossos pensamentos e das nossas ações.

•Gostaria de refletir ainda sobre um aspecto que sobressai das narrações sobre a Infância de Jesus, escritas por são Lucas. Maria e José levam o Filho a Jerusalém, ao Templo, para o apresentar e consagrar ao Senhor, como prescreve a lei de Moisés:

«Todo o primogénito varão será consagrado ao Senhor» (cf. *Lc* 2, 22-24). Este gesto da Sagrada Família adquire um sentido ainda mais profundo, se o interpretarmos à luz da ciência evangélica de Jesus com doze anos que, depois de três dias de procura, é encontrado no Templo a dialogar com os doutores. Às palavras cheias de preocupação de Maria e José: «Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura», corresponde a resposta misteriosa de Jesus: «Por que me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?» (*Lc* 2, 48-49). Ou seja, na propriedade do Pai, na casa do Pai, como o é um filho. Maria deve renovar a fé profunda com que disse «sim» na Anunciação; deve aceitar que a precedência seja do verdadeiro Pai de Jesus; deve saber deixar livre aquele Filho que gerou, a fim de que siga a sua

missão. E o «sim» de Maria à vontade de Deus, na obediência da fé, repete-se ao longo de toda a sua vida, até ao momento mais difícil da Cruz.

•Diante de tudo isto, podemos interrogar-nos: como foi que Maria conseguiu viver este caminho ao lado do Filho, com uma fé tão sólida, também nas obscuridades, sem perder a confiança completa na obra de Deus? Existe uma atitude de fundo que Maria assume perante aquilo que se verifica na sua vida. Na Anunciação, Ela sente-se perturbada ao ouvir as palavras do anjo — trata-se do temor que o homem sente quando é tocado pela proximidade de Deus — mas não é a atitude de quantos têm medo diante daquilo que Deus pode pedir. Maria medita, interroga-se a respeito do significado de tal saudação (cf. *Lc* 1, 29). O termo grego utilizado no Evangelho para definir este «meditar», «*dielogizeto*», evoca a raiz da palavra «diálogo». Isto significa que Maria entra em diálogo íntimo com a Palavra de Deus que lhe foi anunciada, não a considera superficialmente, mas detém-se, deixa-a penetrar na sua mente e no seu coração para compreender aquilo que o Senhor deseja dela, o sentido do anúncio. Outra referência à atitude interior de Maria diante da obra de Deus encontramo-la, ainda no Evangelho de são Lucas, no momento da Natividade de Jesus, depois da adoração dos pastores. Afirma-se que Maria «conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração» (*Lc* 2, 19); em grego, o termo é *symballon*; poderíamos dizer que Ela «mantinha unidos», «reunia» no seu coração todos os eventos que lhe estavam a acontecer; colocava cada um dos elementos, cada palavra, cada acontecimento no interior do tudo confrontando-o, conservando-o e reconhecendo que tudo deriva da vontade de Deus. Maria não se limita a uma primeira compreensão superficial daquilo que acontece na sua vida, mas sabe olhar em profundidade, deixa-se interpelar pelos eventos, elabora-os, discerne-os e alcança aquele entendimento que só a fé pode garantir. É a humildade profunda da fé obediente de Maria, que acolhe em si mesma também aquilo que não compreende no agir de Deus, deixando que seja Deus quem abre a sua mente e o seu coração. «Feliz daquela que acreditou que teria cumprimento as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor» (*Lc* 1, 45), exclama a sua prima Isabel. É precisamente pela sua fé, que todas as gerações lhe chamarão ditosa.

Caros amigos, a solenidade do Natal do Senhor, que daqui a pouco celebraremos, convida-nos a viver esta mesma humildade e obediência de fé. A glória de Deus não se manifesta no triunfo e no poder de um rei, não resplandece numa cidade famosa, num palácio luxuoso, mas faz a sua morada no ventre de uma virgem, revela-se na pobreza de um menino. A omnipotência de Deus, também na nossa vida, age com a força, muitas vezes silenciosa, da verdade e do amor. Então, a fé diz-nos que no final o poder indefeso daquele Menino vence o ruído das potências do mundo.

Arquidiocese do Rio de Janeiro
Diáconos e Esposas participam de Retiro Canônico

Entre os dias 13 a 15 maio de 2016, realizou-se o retiro canônico dos Diáconos Permanentes da Arquidiocese do Rio de Janeiro e esposas.

O pregador foi o Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro Dom Luiz Henrique, que é animador do Diaconato Permanente da Arquidiocese e do Regional Leste-1.

Tendo a Misericórdia como perspectiva, Dom Luiz destacou cinco pontos considerados essenciais na vida do Diácono Permanente, seu chamado ao ministério ordenado, a compaixão, a correção fraterna, as boas obras, e a ação do Espírito Santo.

Dom Luiz destacou que o chamado ao ministério ordenado é obra do Espírito Santo, e que ao realizar as “boas obras” o diácono, e por conseguinte sua esposa, são chamados a fazerem uma “correção fraterna” tendo compaixão um pelo outro, e dos dois com a comunidade onde servem.

As colocações tiveram como pano de fundo a Sagrada Escritura e passagens da vida dos santos e santas.

O retiro ocorreu num clima de silêncio na casa de retiros da Arquidiocese no Sumaré.

Diácono Marcos Gayoso - Relações Públicas CADIPERJ

Arquidiocese do Rio de Janeiro
Diáconos e Esposas participam de Retiro Canônico

Arquidiocese do Rio de Janeiro - Uma vida dedicada a Deus e à família

•Viver o diaconato permanente é uma vocação cheia de desafios, alegrias e descobertas. O professor e pesquisador Luciano Rocha, candidato ao diaconato permanente, que atua na paróquia Nossa Senhora de Fátima, conta um pouco sobre esse chamado e o trabalho desenvolvido na escola diaconal, que resultou em um livro, produzido pelos alunos de sua turma. Confira abaixo.

•**Pascom**: ***Qual foi a sua motivação para o diaconato?***

•**Luciano**: Quando jovem fiz experiência comunitária junto aos Franciscanos Conventuais. Fiquei cerca de sete anos no convento. Foram anos maravilhosos. Com os frades aprofundei minha vida de oração, adquiri gosto pela atividade missionária, cresceu meu amor pela Liturgia… Mas, no meu íntimo sentia que o Senhor queria outra coisa de mim. Admirava casais atuantes na comunidade paroquial que buscavam, juntos, uma vida santa e que educavam seus filhos na fé. Em meu discernimento vocacional, um ano antes de receber o Diaconato, decidi repensar o chamado de Deus para mim. Voltei para casa. Fui estudar História e conheci minha esposa. Ela também tinha feito experiência na vida franciscana. Nos apaixonamos, casamos e construímos uma família para o Senhor. Mas, aquela semente da vida religiosa ficou, o amor pela liturgia e pela missão permaneceu.

•Em outra paróquia que atuava, meu pároco me propôs o diaconato permanente. Na ocasião, não aceitei, mas, fiquei inquietado. Uma chama se acendeu em meu peito. Fui rezando e pedindo discernimento a Deus. Os anos se passaram. Veio a primeira filha, a segunda, a terceira… Deus foi generoso para comigo. Deu-me três filhas lindas. E aquela proposta do diaconato permanente continuava ressoando em meu peito. Com ele poderia viver esses dois amores que o Senhor colocava diante de mim: o da vida familiar e o da vida ministerial. O diácono permanente é chamado, portanto, a vivenciar essa dupla sacramentalidade. Como homem casado e como clérigo deve zelar pelo mover de Deus em sua casa e em sua comunidade de fé.

•Mais tarde, já na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, R.T.S., conversei com o padre Antonio José sobre a questão do diaconato. Muito solícito, acolheu meu desejo e me apoiou. Continua apoiando-me. Esse caminho tem feito muito bem a mim e minha família. Minha esposa tem se mostrado uma companheira incansável. Seu apoio incondicional tem sido fundamental para meu sim a este chamado que o Senhor nos faz. Hoje, vejo com mais clareza o que Deus sempre quis de mim. Sinto-me realizado como homem casado e como pai. A possibilidade de tornar-me diácono enche meu coração de alegria.

•**Pascom**: ***Muitas dificuldades nesse tempo de preparação?***

•**Luciano**: Dificuldades existem. É preciso doar tempo para os estudos e conciliá-los com o trabalho, com as atividades pastorais e com a vida familiar. Na Escola Diaconal Santo Efrém estudamos todos os sábados, das 7h às 17h. São quatro anos de teologia, mais um ano introdutório, chamado de propedêutico. Os professores são exigentes. Há provas, trabalhos, seminários… Tudo que se espera de uma formação adequada à futuros ministros da Palavra de Deus. Portanto, é preciso dedicar tempo aos estudos. Junte isso com o dever do cuidado familiar, da atenção e da presença constante junto aos filhos e esposa… Os compromissos com

o trabalho, com a pastoral… Pois é… Em meio às dificuldades que se apresentam no caminho tenho aprendido a esperar mais em Deus, orar mais e cuidar com carinho de cada coisa. São Padre Pio dizia que "devemos cuidar das coisas como se tudo dependesse de nós e confiar na providência divina como se tudo dependesse de Deus". É isso…

Pascom: ***A sua turma elaborou um livro. Como surgiu essa ideia? E por que Padre Pio?***

Luciano: As turmas da Escola Diaconal, logo no Propedêutico, são convidadas a escolher um padroeiro. Um irmão e amigo do céu que, com sua vida de santidade, nos inspire e ajude a caminhar. Devido à minha experiência franciscana propus, claro, São Francisco de Assis. Outros santos apareceram: Santa Teresinha, São João Paulo II, Santo Estêvão e, também, Padre Pio. Quem foi o mais votado? São Padre Pio. Confesso que não gostei. Não tinha nenhuma simpatia por ele. Com o passar do tempo vi um filme sobre sua vida, li seus escritos e livros biográficos. Apaixonei-me por aquele servo de Deus. Simples, dedicado e zeloso para com as coisas de Deus. Em muitos aspectos lembrava-se São Francisco de Assis. Era franciscano capuchinho. Seu amor pela Liturgia e pelo Sacramento da Confissão me encantou. Tornou-se, então, para mim e minha família, um amigo do céu muito especial.

Eu e minha turma passamos, entre os estudos de filosofia e teologia, a dedicar mais tempo às orações e a espiritualidade que animou a vida de Padre Pio. No final do de 2015, decidimos fazer um livro para divulgar a vida e as orações que conhecíamos e que animavam nossos corações. Este livro busca, assim, transbordar nossa experiência pessoal e levar até os irmãos um pouco de nossa trajetória de reflexão e oração. Certa vez disse o Papa Bento XVI: "Padre Pio é um daqueles homens extraordinários que Deus envia de vez em quando à terra para converter os homens". É isso que buscamos com esse livro: uma vida de verdadeira conversão. Que ele seja semente do mover de deus na vida de todos aqueles que alcançar. Este livro se pretende lugar de encontro. É sinal do que Deus tem feito em nós e, certamente, fará com muitos outros irmãos.

Pascom: ***Quando vai ser sua ordenação?***

Luciano: Correndo tudo bem, ou seja, perseverando na caminhada, tendo a aprovação da direção e da coordenação da Escola Diaconal, mais o aceite de Dom Orani e o consentimento da esposa, apenas em 2018. Preciso confessar minha ansiedade. Sou muito apreensivo. Sofro por antecipação. Deus tem me educado neste sentido. Preciso sofrer as demoras do tempo com mansidão. Assim, não estou contando muito o tempo. Um dia de cada vez, um passo depois do outro. Assim se faz o caminho. E quando menos percebermos… pronto. Se o Senhor me considerar digno do ministério diaconal e for útil à Igreja, eis-me aqui. Peço a oração de todos os irmãos por essa intensão.

Pascom: ***O que você diria às pessoas que possuem a vocação, mas, por não se sentirem aptos, não conseguem dar o primeiro passo?***

Luciano: Deus não chama os capacitados. Ele capacita os que chama e escolhe. Não permita que a vontade de Deus se perca em meio a agitação de nossa vida. Reze mais… Arrisque-se… Seja ousado nas coisas de Deus. Coloque-se à disposição. Deus vai dando direção ao longo do caminho. O diaconato é uma vocação muito profética. Seu restabelecimento é um dos belíssimos frutos do Concílio Vaticano II. Esse ministério instituído pelos Apóstolos tem lugar especial na Igreja de hoje. Precisamos de muitas e santas vocações diaconais. Portanto, não perca tempo. Converse com seu pároco, manifeste o desejo de tornar-se diácono e venha para a Escola Diaconal Santo Efrém.

Fonte: https://rainhadetodososssantos.com.br/2016/05/07/uma-vida-dedicada-a-deus-e-a-familia/

Arquidiocese do Rio de Janeiro - Terço dos Homens

Acontece toda 5a feira na Paróquia São Rafael Arcanjo, em Vista Alegre o Terço dos Homens.

O Terço é conduzido pelo Diácono Permanente Melquisedec Ferreira da Rocha.

No dia 17/10/2013, o encontro contabilizou a participação de 1045 homens.

Os encontros são transmitidos AO VIVO pelo site http://www.jst.org.br/webtv/

Diocese de Petrópolis - 2º Encontro de Formação Permanente

Aconteceu no sábado dia 28 de Maio o 2º encontro de Formação Permanente dos Diáconos da Diocese de Petrópolis. O enconcotro aconteceu no Seminário Diocesano, Nossa Senhora do Amor Divino e foi apresentado pelo Padre Moises Fragoso (coordenador Diocesano da Pastoral de Liturgia). O tema apresentado foi a Celebração da Santa Missa / celebração da Palavra e as funções dos Diáconos. Muitos detalhes, pequenas dúvidas sobre estas celebrações foram surgindo ao longo do encontro e Pe. Moises, sempre atencioso, respondia a todos.

Encerrado com muitas propostas o XIV ENDFED

•Foi encerrado nesta quinta-feira, 02 de junho, o XIV Encontro Nacional de Diretores e Formadores de Escolas Diaconais, realizado na Comunidade Católica “Sementes do Verbo”, Palmas, Tocantins. O encontro teve início no dia 30 de maio, as 14h.

•Após a Missa na Capela, presidida pelo arcebispo metropolitano de Palmas dom Pedro Brito Guimarães, concelebrada pelo bispo referencial dos diáconos, dom João Francisco Salm, bispo de Tubarão, SC e presbíteros, houve a abertura dos trabalhos na sala de palestra, coordenada pelo presidente da Comissão Nacional dos Diáconos (CND) diácono Zeno Konzen. A introdução foi feita pelo diácono Antonio Heliton Alves, secretário da CND, explicando sobre a votação das propostas para o Documento Final.

•Após debate e votação, foram aprovadas as seguintes propostas, que farão parte do plano de trabalho sugerido às Escolas Diaconais:

•Reforçar a ideia da criação do Propedêutico como parte da formação diaconal (o que é proposto pelo CELAM – Conselho Episcopal Latino americano)

•Cumprimento dos requisitos básicos para o Diaconato segundo a Santa Sé e CNBB

•Próximo encontro somente com os diretores de Escolas a exemplo da OSIB

•Renovação do Compromisso Diaconal conforme Planejamento de cada Diocese (Retiros Espirituais mais longos)

•A CND trazer propostas de soluções para a relação de comunhão eclesial a partir de um senso diagnosticando as realidades vividas nos diversas regionais.

•Que os encontros sejam realizados em feriados prolongados e juntos com as esposas.

•O encantamento missionário como base da formação. O diácono formador ser o incentivador desse encantamento.

•O Diácono chamado a santidade através da Oração e Coerência de vida.

•Que preferencialmente a formação dos diáconos seja em escolas de formação diaconal não excluindo as faculdades, porém que os candidatos destas tenham o estagio Pastoral em uma escola diaconal.

•Que as escolas devam ter prioritariamente um período de propedêutico com as famílias.

•Revisão da grade curricular para inserção de disciplinas, tais como Gestão Paroquial e Oficinas de Liturgia.

•Possa junto a CNBB formar uma equipe de capacitação para Diretores e formadores das Escolas Diaconais.

•Que a CND coordene e tenha um projeto missionário para um período: 3, 4, 5, 6 anos na Amazônia (Amazonas / Pará), Alto Solimões, lembrando as palavras do Papa Francisco “Não esqueçam da Amazônia”.

•Avaliação como processo.

•A criação de Escolas Diaconais á Distancia – EAD

Encerrado com muitas propostas o XIV ENDFED

•Que cada Arquidiocese ou diocese assuma a formação das escolas Diaconais, inclusive em parceria com Universidades Católicas, Institutos e Seminários.

•No encerramento o presidente convocou os presidentes ou representantes das Comissões Regionais dos Diáconos (CRDs), membros do Conselho Fiscal, ENAP e ENAC para a reunião do Conselho Consultivo da CND, com início às 14h dos dia 02 de junho e encerramento no dia 04 de junho, com almoço.

•O diácono Francisco Pontes Filho (Chiquinho) partilhou sobre sua participação no Jubileu dos diáconos permanentes, celebrado No Vaticano, com missa presidida pelo papa Francisco. O bispo referencial, dom João Salm fez a oração de envio e deu a bênção.

•De Palmas, TO, diác. José Carlos Pascoal, ENAC / CND

•Fonte: http://www.cnd.org.br/noticias/1447-encerrado-com-muitas-propostas-o-xiv-endfed

Informando sobre a contribuição de cada Diácono para CRD Leste-1 e CND

A Assembleia Geral de Diáconos, ocorrida em Itaici em fevereiro de 2003, estabeleceu como **meta** para a diretoria nacional, entre outras, a necessidade de prover recursos suficientes para a manutenção da CND.

A Diretoria Regional está levantando também diversas possibilidades para angariar fundos de modo a viabilizar a continuidade dos trabalhos e participação do Regional Leste 1 nas suas atribuições e participação nos Eventos Convocatórios da Comissão Nacional dos Diáconos.

Dependemos, exclusivamente, das contribuições dos diáconos de toda regional, que devem ser depositadas na conta corrente abaixo e o comprovante enviado para o Tesoureiro para controle dos pagamentos. **Ratificamos que a contribuição por diácono é de 2% sobre o salário mínimo/mês.**

Os valores deverão ser depositados na Conta da CRD cujos dados são os seguintes:

Banco Mercantil do Brasil - **Conta Corrente:** 02013194-0 **-** **Agência:** 0044

FAVORECIDO : MITRA DIOCESANA DE NOVA IGUAÇU - CNPJ.: 28666428005741

VALOR MENSAL por diácono: R$ 17,60 # #

sendo 50% para CRD e 50% para CND.

- Efetuar depósito mensal (até o dia 10 do mês seguinte)

Envie comprovante de pagamento p/ Diac. Jorge Francisco Jorge (jorgefjorge@bol.com.br) Tesoureiro)

Para Identificação dos Diáconos das Dioceses a cada deposito deverá ser **acrescido ao valor depositado os centavos de acordo com a Codificação abaixo:**

Rio de Janeiro = XX,10	Petrópolis = XX,50
Ord. Militar = XX,15	Caxias = XX,60
Niterói = XX,20	Nova Iguaçu = XX,70
Campos = XX,30	Itaguaí = XX,80
Adm. Apostólica = XX,35	Volta Redonda B.Pirai = XX,90
Nova Friburgo = XX,40	